

Jornal **HEMOMINAS**

Nº 19 - janeiro/fevereiro/março/2008

Impresso
Especial
7397090727/2002-DR/MG
Fundação
Hemominas
CORREIOS



Universitários colaboram para o aumento do número de pesquisas na instituição

Evento

Fundação Hemominas abre espaço para iniciação científica

Página 03

Gestão

Projeto para unidade em Poços de Caldas é debatido em reunião *Página 07*

Fique por dentro

Hemominas é referência para hemocentros nacionais e internacionais *Página 05*

Artigo técnico - Diagnóstico molecular da Alfa-Talassemia *Página 06*

Entrevista - Mortalidade infantil por doença falciforme *Página 04*



O Jornal Hemominas chega a sua primeira edição de 2008 registrando as conquistas da Fundação já no início do ano. De um lado, temos o ganho de mais uma unidade no estado de Minas Gerais: a construção de um posto de coleta no município de Poços de Caldas. Por outro lado, temos o crescimento da credibilidade da Hemominas, que vem recebendo cada vez mais visitas técnicas de hemocentros de outros estados do país, destacando-se aqui a visita realizada pelo Hemocentro de Tocantins.

Outro assunto de destaque é a anemia falciforme, considerada a doença hereditária monogênica mais comum no Brasil. De acordo com o Ministério da Saúde, são registrados 3,5 mil novos casos todos os anos, sendo que 25% das crianças não alcançam os cinco anos de vida se não tiverem acompanhamento médico adequado. Dados do Programa Nacional de Triagem Neonatal mostram que, em Minas Gerais, o número de pessoas registradas está na proporção de 1:1400 com a Doença Falciforme e de 1:23 com Traço Falciforme.

Para falar sobre a mortalidade infantil na doença falciforme, o JH traz nesta edição uma entrevista com Ana Paula Fernandes, ganhadora do prêmio Hemo 2007. Além disso, temos também um artigo técnico sobre “Diagnóstico molecular para portadores da hemoglobinopatia Alfa - Talassemia”.

O Governador do Estado, Aécio Neves, sancionou, no dia 15 de janeiro de 2008, uma lei que obriga os serviços de saúde pública a realizarem gratuitamente exames sorológicos para diagnosticar a infecção causada pelos vírus linfotrópico da célula T humana, HTLV 1 e HTLV 2. A Lei 17.344 é a mais completa do país sobre o assunto porque abrange o diagnóstico, tratamento e prevenção dos vírus HTLV 1 e 2.

Os pacientes diagnosticados como soropositivos terão aconselhamento clínico e familiar. Aqueles que manifestarem alguma doença proveniente dos vírus vão receber tratamento em centros especializados. O teste também será oferecido a todas as gestantes das regiões onde há grande incidência dos vírus.

A Fundação Hemominas já realiza, em todo o sangue colhido através de doações, testes para verificação de hepatite B e C, além de duas metodologias diferentes para os testes de HIV, Sífilis, Chagas e HTLV.

Cartas

A seção de cartas é um canal aberto de comunicação entre o Jornal Hemominas e seus leitores. Por isso, participe e escreva-nos!

isabela.bastos@hemominas.mg.gov.br

Fale Conosco:

Rua Grão Pará, 882 - Sala 605 - Bairro: Funcionários -
CEP 30.150.340 - Belo Horizonte - MG
Telefone: (31) 3280-7455 - Fax: (31) 3281-3842
Email: isabela.bastos@hemominas.mg.gov.br
Homepage: www.hemominas.mg.gov.br

Presidente:

Anna Bárbara de Freitas Carneiro Proietti

Chefe de Gabinete:

Maria Isabel Pereira de Castilho Rafael

Diretora Técnico-científica:

Júnia Guimarães Mourão Cioffi

Diretora de Atuação Estratégica:

Kelly Nogueira Guerra

Diretor de Planejamento, Gestão e

Finanças:

Marcelus Fernandes Lima

Procuradora:

Magda Valéria Bonfim

Auditora Seccional:

Alessandra Pires Fiche de Oliveira

Assessoria de Comunicação Social:

Regina Vasconcelos

Jornal Hemominas - nº 19 -

Janeiro/Fevereiro/Março/2008

Editora: Isabela Muradas/ Reg. Profissional

MG 08305 JP

Redação: Rita Fontanez, Marina Costa e

Isabela Muradas

Conselho Editorial: Júnia Cioffi, Marina

Lobato Martins, Mitiko Murao, Regina

Vasconcelos e Isabela Muradas

Execução Gráfica:

Gráfica e Editora Sigma - (31) 3476-6566

Tiragem:

4.000 exemplares - periodicidade: Trimestral

Este jornal é impresso em papel reciclado



Hemominas apóia a realização de pesquisas de estudantes universitários



Bolsista apresenta resultado de pesquisa desenvolvida sob orientação da Hemominas

Com o objetivo de divulgar pesquisas realizadas por estudantes universitários que participam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Fapemig (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), o Serviço de Pesquisa da Fundação Hemominas promoveu, no dia 11 de março, o seu II Seminário de Iniciação Científica. De acordo com a diretora técnico-científica da Hemominas, Júnia Cioffi, no ano de 2006 foram oferecidas 10 bolsas de estudos, o que resultou no I Seminário de Iniciação Científica. Em 2007, foram oferecidas 15 bolsas. “Para 2008 estão previstas 25 bolsas. Esse aumento no número de bolsistas é resultado de um trabalho bem feito pelos orientadores e pelos alunos que serão os nossos futuros pesquisadores”, elogia a diretora.

A programação do seminário contou com a apresentação de 15 trabalhos, desenvolvidos sob a orientação de pesquisadores da Fundação. A maioria dos trabalhos apresentados tinha como tema assuntos ligados à área de saúde, mas também foram apresentados trabalhos em outras áreas, como recursos humanos e pedagogia.

O período da manhã contou com a apresentação de oito pesquisas, entre elas três voltadas para o estudo do retrovírus HTLV “Avaliação de uma nova estratégia para triagem do HTLV na Fundação Hemominas”, por Marcele Cunha Ribeiro; “Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em HTLV: aspectos epidemiológicos, clínicos e laboratoriais da infecção pelo HTLV”, por Alice Cristina de Faria; e “Ocorrência de doações de sangue com sorologias positiva e indeterminada para o vírus HTLV I/II no Hemocentro Regional de Uberaba de 1995 a 2006”, por Guilherme Manso de Lima. O HTLV é um vírus ainda pouco conhecido pela população e pelos profissionais da área de saúde e, por isso, seu estudo é muito estimulado na Hemominas.

Outros temas diretamente relacionados à diversidade de áreas trabalhadas dentro da Hemominas também foram apresentados pela manhã. “Avaliação da eficiência técnica relativa às unidades da Fundação Hemominas que coletam bolsas de sangue para produção de hemocomponentes”, por Bernardo Andrade Lyrio; “Determinação do estado nutricional relativo ao ferro em lactentes com anemia falciforme identificados pelo programa estadual de triagem neonatal”, por Maria Amélia Gonçalves; “Segurança transfusional: avaliação da infra-estrutura física e operacional das Agências Transfusionais da Hemorrede Pública do Estado de Minas Gerais”, por Marcele Cunha Ribeiro; “Perfil de auto-exclusão em doadores de sangue no Hemocentro Regional de Uberaba, no período de 1995 a 2006”, por Raquel Alves Martins; “Prevalência dos antígenos eritrocitários em doadores de sangue do programa de fenotipagem do Hemocentro Regional de Uberaba”, por Cristhiane Borges Juliano,

foram as outras pesquisas que fizeram parte do evento.

Na parte da tarde, outro tema ganhou força: a anemia falciforme. Entre os sete trabalhos apresentados, três deles abordavam a doença: “Anemia falciforme: avaliação da qualidade de vida dos pacientes adultos portadores da Hemoglobina SS e SC”, por Juliana de Carvalho e França; “Avaliação da gravidade da anemia falciforme em crianças triadas pelo programa de triagem neonatal”, por Antônio Osvaldo de Freitas Júnior; e “Diagnóstico molecular da Alfa-Talassemia em pacientes com doença falciforme”, apresentado pelo bolsista André Rolim Belisário. Ainda na parte da tarde, outros quatro trabalhos foram apresentados: “Padrões geográficos de ancestralidade genômica em MG e perspectivas do uso do desequilíbrio de ligação gerado por miscigenação (DLM) para mapeamento de doenças complexas”, por Giordano Bruno Soares; “Inovações metodológicas em citometria de fluxo aplicadas em hematologia”, por Pedro Ribeiro Santos; “Definição de indicadores de eficácia das atividades de capacitação de recursos humanos na Fundação Hemominas”, por Amanda Amorim Martins; e “Redução de proteínas totais e IgA nos diferentes concentrados de hemácias: concentrado de CHM, concentrado de hemácias lavadas (CHL) e concentrado de hemácias aditivadas com remoção de Buff Coat (TB), por Pollyanna Silva Teixeira.

A responsável pelo Setor de Pesquisas da Hemominas, a bióloga Marina Lobato, falou sobre a qualidade dos trabalhos apresentados e incentivou os estudantes a difundirem suas pesquisas. “A publicação de artigos científicos é importante para o crescimento profissional e a Fundação quer estimular a divulgação das pesquisas”, finaliza.

Apoio institucional

A presidente da Fundação Hemominas, Anna Bárbara Proietti, acredita que apoiar

jovens pesquisadores é importante para a evolução e para a melhoria da qualidade dos serviços prestados. “A Hemominas ganha e a população também”, afirma. De acordo com Anna Bárbara, a participação da Hemominas na formação de novos pesquisadores, desde a iniciação científica, contribui para a hemoterapia e hematologia do país. “A partir de agora, também vamos ter a iniciação científica voltada para o ensino médio de escolas públicas. São 10 bolsas BIC - Júnior da Fapemig”, completa.

Para a estudante do 6º período de medicina da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e bolsista, Maria Amélia Gonçalves, a parceria da Hemominas com a Fapemig é muito importante porque as pesquisas são realizadas dentro da Fundação de uma forma mais direcionada. “A maior parte das pessoas não sabe que a Hemominas também estimula as pesquisas. É bem diferente de realizá-las dentro da universidade. Aqui, na Fundação, ela é bem mais aplicada”, afirma. A estudante vai começar a desenvolver a sua pesquisa, em abril, sob a orientação da médica hematologista Mitiko Murao.

O estudo de Maria Amélia tem o objetivo de avaliar o estado nutricional relacionado ao ferro em crianças com doença falciforme, diagnosticadas pelo Programa de Triagem Neonatal de Minas Gerais (PETN-MG). “A pesquisa vai avaliar se existe algum risco dessas crianças serem incluídas no programa “Saúde de Ferro” do Ministério da Saúde”, explica Mitiko Murao. O programa, segundo ela, é voltado para crianças com anemia carencial ferropriva, freqüente até os dois anos de idade, que recebem suplementação de ferro. “As crianças com doença falciforme foram excluídas porque não se sabe ainda como é o metabolismo de ferro nelas. Não existe nenhum estudo na literatura sobre isso. A anemia falciforme é crônica e com o tempo o paciente vai tendo uma sobrecarga de ferro”, finaliza. A anemia carencial ferropriva é a doença nutricional mais prevalente no mundo e é um grave problema de saúde pública no Brasil.



Mestre em saúde da criança e do adolescente, Ana Paula recebeu prêmio pelo trabalho sobre doença falciforme

Entrevista - Ana Paula Pinheiro Chagas Fernandes, responsável pela supervisão médica da doença falciforme no Nupad (Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico), da Faculdade de Medicina da UFMG, investigou mortes de crianças com doença falciforme em Minas Gerais, entre 1998 e 2005. A dissertação *Mortalidade por doença falciforme no Programa Estadual de Triagem Neonatal de Minas Gerais (PETN-MG) em 7 anos: primeiro estudo de base populacional no Brasil*, orientada pelo professor Marcos Borato Viana, do Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina da UFMG, concorreu com cerca de 1.200 estudos e conquistou o **Prêmio José Ória**, de melhor trabalho do Congresso Brasileiro de Hematologia e Hemoterapia - Hemo 2007.

JH: *Qual foi sua motivação em escolher esse tema para sua tese de mestrado?*

Ana Paula: A idéia de estudar os

óbitos surgiu após vários anos de observação dos pacientes que passaram pelo Programa de Triagem Neonatal e também pela doença falciforme ser uma grave questão social. Para a pesquisa, levamos em consideração a causa de morte registrada no documento de óbito, o histórico de consultas no Cehmob, e a situação do município de origem do paciente.

JH: *Qual a maior dificuldade encontrada durante as pesquisas?*

Ana Paula: A maior dificuldade foi localizar as famílias dos pacientes falecidos. Dos 78 óbitos ocorridos entre 1998 e 2005, conseguimos localizar 54 famílias, sendo que duas delas não aceitaram participar da pesquisa.

JH: *Pode-se considerar a anemia falciforme uma causa preocupante de mortalidade infantil no Estado?*

Ana Paula: Com certeza. Através das pesquisas, detectamos que o índice de mortalidade infantil entre as crianças com anemia falciforme chega a ser três vezes maior que a taxa de mortalidade infantil geral em Minas Gerais, sendo que, se considerarmos apenas as crianças de até 5 anos de idade, o índice sobe para seis vezes.

JH: *Vc conseguiu identificar quais as causas mais comuns dos óbitos?*

Ana Paula: Dentre os 78 casos estudados, as causas mais frequentes registradas nos atestados de óbitos são a infecção (38,5%) e o seqüestro esplênico agudo (16,6%), uma espécie de hemorragia que ocorre para dentro do baço. Também chama a atenção o número de casos registrados com causa "indeterminada", o que pode significar dificuldades de reconhecimento da doença falciforme pelas equipes de saúde. Além disso, percebemos que os óbitos acontecem geralmente nas primeiras 24 horas do início do evento (crise) e que o percentual dos casos de óbitos

domiciliares e em trânsito também é alto, que indica deficiências na assistência médica, principalmente nos pequenos municípios.

JH: *E em relação à classe social e sexo? Existe alguma estatística em relação aos óbitos pela doença falciforme?*

Ana Paula: Não houve diferenciação em relação ao sexo, mas pudemos perceber que a idade de maior risco está entre zero e dois anos de idade, o que pode se agravar se a família tem pouco nível de instrução e renda. Além disso, a maioria dos óbitos ocorreu em cidades de pequeno porte, com poucos recursos técnicos na área de saúde.

JH: *Os profissionais de saúde têm informações corretas sobre a anemia falciforme?*

Ana Paula: Um dos fatores que compromete a recuperação do paciente é o desconhecimento, por parte dos profissionais de saúde, dos sintomas da doença, principalmente nas regiões mais afastadas dos centros de saúde. A demora no diagnóstico correto e no encaminhamento para uma unidade de saúde com estrutura adequada para atender o paciente pode comprometer a vida deste, já que as primeiras horas da crise são as de maiores riscos.

JH: *A partir dos resultados da pesquisa, que tipo de ações precisam ser feitas para diminuir a mortalidade infantil pela doença falciforme?*

Ana Paula: A identificação dos fatores externos pode ajudar no planejamento das ações de saúde. É preciso melhorar a assistência à saúde, principalmente em relação à atenção básica e aos serviços de urgência, capacitar os profissionais. Também é preciso trabalhar melhor a doença nos cursos de graduação, principalmente porque o paciente precisa de um atendimento multidisciplinar - médicos, fisioterapeutas, enfermeiros.

Hemominas recebe visita de hemocentro de Tocantins

No final de março, Fundação Hemominas recebeu a visita técnica de representantes do Centro de Hemoterapia e Hematologia do Tocantins - Hemoto. A coordenadora do Hemocentro de Palmas, Perla Rizete Alves Lima, e o advogado da Secretaria de Estado de Saúde de Tocantins, Pablo Vinícius Félix de Araújo estiveram em Belo Horizonte, do dia 1º ao dia 3, para conhecer o modelo de gestão e funcionamento da Hemominas.

A escolha da Hemominas para a visita, de acordo com Pablo Vinícius, foi por ser uma instituição de referência no país na área de hemoterapia. “Viemos conhecer os processos internos, a logística de funcionamento da hemorrede e o modelo de vinculação aos órgãos estaduais”, observa.

A coordenadora do Hemocentro de Palmas, Perla Rizete Alves Lima lembra que o serviço de hemorrede foi estruturado em Tocantins somente em 1999, mas lembra que a hemoterapia já existia como um serviço terceirizado desde 1989, logo após a criação do estado.

O Centro de Hemoterapia e Hematologia do Tocantins tem 19 unidades, entre hemocentros, núcleo de hemoterapia, unidades de coleta e transfusão e agências transfusionais. Perla destaca que em Tocantins não existe banco de sangue privado, sendo



Representantes do Hemoto conhecem a estrutura de funcionamento do Hemocentro de Belo Horizonte

que o “estado é responsável por todo o atendimento hemoterápico dos pacientes do SUS e da rede privada de saúde”.

Segundo os representantes do Hemoto, a visita foi muito positiva. “Ficamos impressionados com a estrutura da instituição, principalmente em relação à sorologia centralizada. Foi uma experiência única”, analisam. Durante a programação, eles puderam conhecer o funcionamento de vários setores da Hemominas, como auditoria, finanças, procuradoria, entre outros. Além disso, também tiveram a oportunidade de conhecer o Hemocentro de Belo Horizonte, onde fizeram o *hemotour*.

A presidente da Fundação Hemominas, Anna Bárbara Proietti, considera importante o intercâmbio entre os hemocentros. “Nosso modelo de estrutura em rede, a técnica e os conhecimentos acumulados aqui interessam a outros estados, mas sempre aprendemos com as visitas”, complementa.

Bahia, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Paraguai estão entre os hemocentros que já estiveram na Fundação Hemominas. De acordo com a presidente, outras instituições do Brasil e da América do Sul também estão interessadas em conhecer a Fundação ainda este ano.

Anemia falciforme é tema de dissertação de mestrado

No dia 28 de fevereiro, a pedagoga do Ambulatório do Hemocentro de Belo Horizonte, Sônia Aparecida dos Santos Pereira, fez a defesa de sua dissertação de mestrado. Com o título “Doença Falciforme: estudo da qualidade de vida de pacientes com hemoglobina *SS* e *SC* atendidos no Hemocentro de Belo Horizonte da Fundação Hemominas”, ela apresentou o trabalho final referente ao curso de pós-graduação stricto sensu em Ciências da Saúde do Ipsemg (Instituto de Previdência dos Servidores do Estado de Minas Gerais).

A banca examinadora foi composta pela orientadora da pesquisa, a presidente da Fundação Hemominas, Anna Bárbara Proietti; a co-orientadora e pesquisadora da UFMG, Dra. Clareci Silva Cardoso; a professora da Faculdade de Medicina da UFMG, Dra. Rosângela Carrusca Alvim, e a

coordenadora pedagógica da Fundação Oswaldo Cruz, a professora Maria Cecília Pinto Diniz.

A pesquisa, aprovada em 2006 pelo Comitê de Ética da Hemominas, teve como objetivo investigar a qualidade de vida dos portadores de anemia falciforme, utilizando informações coletadas dos pacientes atendidos pelo ambulatório do Hemocentro de Belo Horizonte. Para isso, foi aplicado um questionário para traçar o perfil sócio-demográfico entre os pacientes acima de 18 anos. Após essa etapa, foi aplicado um outro instrumento, composto de questões específicas para medir a qualidade de vida dos portadores da anemia.

Entre os resultados da pesquisa, foi detectado que na população estudada a anemia falciforme é tardiamente diagnosticada, visto que a maioria dos portadores teve conhecimento da

doença, em média, aos 14 anos. A pedagoga confirmou que, entre os participantes do estudo, a presença da crise de dor e o impedimento para o trabalho são itens significativos que também dificultam a qualidade de vida.

Como não há estudos anteriores disponíveis sobre este tema, não foi possível estabelecer comparações de dados. A partir disso, ela acredita que seu trabalho abrirá caminhos para outras investigações. “Espero contribuir para a construção de políticas sociais e de saúde que atendam aos portadores da anemia falciforme no país”, afirma.

Segundo a Coordenadora do Grupo de Trabalho de Controle da Doença Falciforme do Ministério da Saúde, Joice Aragão, “o trabalho de Sônia é uma importante contribuição aos pacientes, pois proporcionará sustentabilidade aos programas de saúde integral já disponíveis”.

Diagnóstico molecular para portadores da hemoglobinopatia Alfa-Talassemia

*Cibele Velloso Rodrigues - Serviço de Pesquisa da Fundação Hemominas

As hemoglobinopatias afetam cerca de 5% da população mundial e constituem um sério problema de saúde pública. Estes distúrbios, essencialmente hereditários, podem ser divididos em dois grupos: as variantes estruturais, como por exemplo, as doenças falciformes, em que a alteração na estrutura da hemoglobina se dá pela substituição de um aminoácido em uma das cadeias polipeptídicas de α -globina e as variantes quantitativas ou talassemias por deficiências de síntese, em que ocorre o desequilíbrio na quantidade de cadeias α ou β -globinas. A anemia falciforme, ou drepanocitose, ocorre nos homocigotos para a hemoglobina S (HbSS). A denominação de doença falciforme inclui, além da anemia falciforme, outras manifestações sintomáticas do gene da HbS em combinação com as talassemias ou com outros tipos de hemoglobinas (HbS/⁰, HbS/⁺, HbSS/a, HbSC, HbSD, HbSE, etc). Já o traço falciforme caracteriza o portador assintomático, ou heterocigoto falcêmico (HbAS).

No Brasil, as hemoglobinas anormais mais comuns são a Hb S e a Hb C, ambas de origem africana reflexo da intensa participação do negro africano na formação da estrutura étnica brasileira. Segundo dados do Ministério da Saúde, a prevalência é de 25 mil a 30 mil pessoas com anemia falciforme no País e a incidência de 3.500 novos casos a cada ano segundo Cançado & Jesus (artigo publicado na Revista Brasileira de Hematologia e Hemoterapia, 2007 Jul/Set; 29(3):204-206).

Embora a causa seja um único defeito genético, as doenças falciformes possuem vários fatores moduladores que influenciam na diversidade clínica e laboratorial, como os níveis de hemoglobina fetal, a co-herança de α -Talassemia (α -Tal) e os haplótipos do gene da β -globina. A doença falciforme associada com α -Tal pode promover uma melhora no quadro clínico de pacientes por inibição da polimerização das HbS e diminuição da intensidade de hemólise mas, por outro lado, os níveis mais altos de hematócrito são deletérios por poderem aumentar ainda mais a

viscosidade do sangue, e com ela, o número de complicações vaso-oclusivas.

Na Fundação Hemominas e em outros centros com serviço de hematologia e hemoterapia, que atendem crianças com anemias não ferroprivas, há casos suspeitos de pacientes que apresentam a associação da Doença Falciforme com a α -Tal. Exames laboratoriais não conseguem por si só distinguir a α -Tal de outras anemias não ferroprivas que mostram alterações hematológicas tais como o aumento na contagem de células vermelhas e nos níveis de hemoglobina, de hematócrito e de Hb A₂, bem como uma significativa redução nos níveis de Hb F (hemoglobina fetal), VCM (volume corpuscular médio), CHCM (concentração de Hb corpuscular média) e HCM (Hb corpuscular média) e na contagem de reticulócitos, dentre outras.

Visando implantar na Hemominas o teste molecular de α -Tal que permite confirmar o diagnóstico foi desenvolvido um projeto de pesquisa, financiado pelo Programa de Pesquisa para o SUS (PPSUS)- Fapemig e MS - edital 2005, coordenado pelas biólogas do Serviço de Pesquisa, Marina Lobato Martins e Cibele Velloso Rodrigues, além do estagiário de iniciação científica, André Rolim Belisário. Neste trabalho os sujeitos da pesquisa eram crianças com doença falciforme. O teste molecular de α -Tal consiste na análise de sete mutações que levam à deleção de regiões no gene da α -globina. Estas sete deleções são as mais comuns registradas na literatura mundial e são denominadas: α -^{3.7}; α -^{4.2}; α -^{SEA}; α -^{MED}, α -^{FIL} e α -^{20.5}.

Resumidamente, a partir de uma pequena amostra de sangue ou qualquer outro material biológico do indivíduo obtem-se o DNA genômico e através de uma única reação pela técnica de reação em cadeia da polimerase (PCR) seguida da técnica de eletroforese é possível verificar a presença ou não da alteração gênica que leva a α -Tal. Os resultados da pesquisa puderam confirmar vários casos suspeitos do fenótipo de α -Tal em crianças com doenças falciformes. A

próxima fase da proposta da pesquisa será avaliar, além do genótipo da α -Tal, os haplótipos da α -globina numa população de 30 crianças/ano triadas desde março de 1998 a 2006 pelo Programa de Triagem Neonatal do Estado de Minas Gerais com diagnóstico confirmado de doença falciforme (SS ou SC). O projeto está sendo desenvolvido pelo biólogo André Rolim Belisário, mestrando do programa de Pós-graduação da Saúde da Criança e do Adolescente da Faculdade de Medicina da UFMG, cujo orientador é o Prof. Dr. Marcos Borato Viana, com co-orientação da Dra. Cibele Velloso Rodrigues. Há também a participação do bolsista de iniciação científica da Fapemig, Felipe Carlos Brito de Souza, orientado pela Dra. Marina Lobato Martins.

O projeto irá complementar a pesquisa conduzida pela médica do Setor do Ambulatório, Dra. Célia Maria Silva, que envolve avaliações de doença vascular cerebral pelo uso de ultrassonografia (doppler) transcraniano das crianças com doença falciforme. Em síntese, será feita uma análise de associação entre os genótipos e os parâmetros hematológicos e o quadro clínico dos sujeitos da pesquisa para avaliação da evolução e nível de gravidade da doença falciforme. Pretende-se verificar se tais genótipos podem ser utilizados como marcadores prognósticos da doença falciforme.

A inclusão do teste por genotipagem molecular de α -Tal pode auxiliar no diagnóstico de casos inconclusivos não apenas em crianças com doenças falciformes, mas também em situações em que os parâmetros hematológicos alterados descartam outras anemias hereditárias. O médico hematologista pode agora dispor de um exame confiável para minimizar o sofrimento da dúvida do diagnóstico para o paciente e a família e conduzir melhor o tratamento evitando, por exemplo, desnecessária suplementação de ferro. O diagnóstico molecular para α -Tal está disponível para os pacientes da Fundação Hemominas e este serviço poderá ser estendido a toda a rede SUS do Estado de Minas Gerais.

Reunião discute projeto da Hemominas de Poços de Caldas



Mário Roberto de Paiva, Secretário Municipal de Saúde de Poços de Caldas e as diretoras da Hemominas Júnia Mourão e Kelly Nogueira

As obras do posto de coleta da Hemominas em Poços de Caldas devem ser concluídas ainda este ano. Segundo o engenheiro da empresa

licitada para realizar as obras de reforma e construção do posto de coleta de sangue no município, Wilton Araújo, a demolição de prédio situado

no terreno foi iniciada em fevereiro e, não havendo atrasos na tramitação administrativa, a previsão de execução das obras é de oito meses.

O custo da obra é de cerca de 1,6 milhão, recursos liberados pelo tesouro estadual por meio da Secretaria de Estado de Saúde. A unidade atenderá diretamente 11 estabelecimentos de saúde da região.

Para a diretora Técnico-Científica da Hemominas, Júnia Mourão Cioffi, o projeto apresentado considera a legislação vigente quanto ao acesso de pessoas com deficiência, sejam doadores ou funcionários. “Esta obra vai permitir inicialmente uma média mensal de 300 coletas de sangue, podendo chegar a mais de mil bolsas nos próximos anos”, afirma.

Parcerias incentivam doação de sangue entre jovens

As parcerias entre a Fundação Hemominas e universidades mineiras representam um grande estímulo para o cadastramento de jovens doadores de sangue. Em todo o estado, 19 unidades da Hemominas realizam esse tipo de coleta.

Em Belo Horizonte, por exemplo, foram realizadas dez coletas em instituições de ensino superior neste ano, com 392 candidatos à doação e 291 coletas efetivadas. Do total dos candidatos, 236 nunca haviam doado sangue. Segundo Zélia Ottoni, responsável pelo setor de coletas externas do Hemocentro de Belo Horizonte, a demanda por coletas em universidades vem crescendo devido à mudança da mentalidade dos estudantes em relação aos tradicionais trotes. “No ambiente acadêmico, o jovem sente-se mais seguro e consciente a fazer a doação”, comenta.

Outro exemplo é o projeto Calouro Cidadão, desenvolvido pela unidade da Hemominas em Juiz de Fora. O projeto propõe uma forma solidária de comemorar o ingresso no

curso superior. Além da doação de sangue, universitários visitam o hemocentro para conhecer as etapas da coleta, processamento do sangue e o atendimento a pacientes.

Entre as atividades do projeto, também estão contempladas palestras sobre a importância da doação de sangue e a capacitação de alunos para atuarem como multiplicadores de informações entre os colegas.

“Hoje estou com boa saúde e posso doar, mas ninguém garante que amanhã eu não irei precisar de sangue para sobreviver”, comenta a caloura de educação física, Valéria de Oliveira, de 20 anos. Para ela, a oportunidade de realizar um ato solidário ao invés de se submeter aos trotes violentos é um incentivo a mais no início da faculdade. “Fiquei muito mais tranqüila quando cheguei à faculdade e me informaram sobre o trote solidário. E pretendo voltar a doar assim que puder”, conclui.

Juiz de Fora também mantém da parceria com a Junta de Serviço Militar da cidade, no programa “Jovem em defesa da vida”. Durante

o mês de junho, todos os jovens que participarem do alistamento são convidados a se candidatar como doadores de sangue. Profissionais da unidade da Hemominas comparecem à sede da Junta Militar para dar orientações sobre a doação voluntária de sangue e para motivar os jovens a procurarem o hemocentro. A expectativa é de que, até o final do mês, cerca de 4 mil deles sejam abordados.

A parceria tem uma função importante nesta época do ano, quando o número de doações sofre queda sazonal, determinada pela diminuição de temperaturas, aumento na incidência de doenças respiratórias e campanhas de vacinação contra a gripe.

Desde 1994, quando começou a parceria entre as duas instituições, aproximadamente 33 mil novos doadores foram mobilizados. De acordo com a direção do hemocentro, esta é uma oportunidade para sensibilizar o cidadão que acaba de completar 18 anos, transformando-o em um doador freqüente e consciente da importância do seu gesto.

Pacientes da Hemominas ganham concurso de desenho

Três pacientes da Fundação Hemominas foram homenageados pela vitória no I Concurso de Desenhos para Pessoas com Doença Falciforme realizado pelo Ministério da Saúde. Leandro Augusto Alves Pinto, Adélia Vitória Lázaro Rodrigues e Débora Almeida tiveram seus desenhos escolhidos entre 170 concorrentes de todo o país para participar do calendário 2009 da Coordenação da Política Nacional de Sangue e Hemoderivados do Ministério da Saúde.

O objetivo do concurso foi aumentar a visibilidade sobre a doença falciforme. Os desenhos enviados foram feitos a partir do tema “Pela Conquista dos Nossos Direitos”. O evento de premiação aconteceu no Centro de Educação e Apoio para Hemoglobinopatias (Cehmob-MG), uma parceria da Fundação Hemominas e do Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico (Nupad), da UFMG, entre as comemorações da “Semana de Conscientização da Doença Falciforme”.

A diretora técnico-científica da Fundação Hemominas, Júnia Cioffi,

falou sobre a importância desse evento. “Os ganhadores representam todos os jovens que têm consciência da doença, conhecem seus direitos e retratam a sua realidade”. Ela lembrou também sobre o trabalho do Cehmob para disseminar informações sobre a doença falciforme e melhorar a qualidade de vida dos portadores.

A coordenadora do Programa Estadual de Triagem Neonatal da Secretaria de Estado da Saúde, Marta Alice Romanini, lembrou que todos os participantes do concurso devem sentir-se premiados, pois contribuíram para mostrar que os pacientes precisam ter o seu valor reconhecido. “Foi um prêmio entregue não só aos vencedores, mas ao estado de Minas Gerais”, relata.

Os três vencedores receberam placas de homenagem e seus trabalhos foram colocados em molduras. Leandro Augusto Alves Pinto, 17 anos, de Itaúna, foi o ganhador do concurso na categoria C - 16 a 21 anos. Ele agradeceu a oportunidade de participar do concurso. “Foi importante não só pela vitória, mas por conscientizar as pessoas sobre a doença e poder conhecer o trabalho do Cehmob”.



Pacientes do Cehmob recebem homenagem pela participação no concurso.

Hemominas incentiva doação feminina

Em 2007, a Fundação Hemominas registrou a doação de sangue de cerca de 87 mil mulheres em suas 19 unidades que fazem coleta de sangue em todo o estado. Este número representa mais de 32% de comparecimento do total de doadores no período.

Segundo a Coordenação Nacional do Sangue do Ministério da Saúde, apesar do sexo feminino representar a maioria da população brasileira, também representa a minoria entre os doadores voluntários de sangue. Na região Norte, apenas 30% dos doadores são do sexo feminino. No Centro-Oeste, 24% das mulheres são doadoras; no Sul, 35,33%; e no Nordeste, 29,05%. O Sudeste registra o maior número, com 38,98% de doações femininas.

Muitos fatores contribuem para que a mulher doe menos sangue do que o homem. A Resolução da Diretoria Colegiada da Anvisa - RDC 153 - prevê

que a mulher pode doar sangue três vezes ao ano, num intervalo de três meses entre uma doação e outra; e o homem quatro vezes ao ano, com o intervalo de dois meses. Esta medida tem o objetivo de garantir segurança para quem doa, já que a mulher demora mais para repor o ferro no organismo devido à menstruação.

Outras determinações relativas ao parto e ao período de gestação também influenciam a doação feminina na instituição. Segundo a Instrução Normativa número 007/2005 da Fundação Hemominas, mulheres grávidas não podem doar sangue e devem esperar 12 semanas após o parto. As mulheres que estão amamentando também não podem doar, a menos que o parto tenha ocorrido há mais de um ano, além de outros critérios para a efetivação do ato da doação, como pesar acima de 50 quilos.

De acordo com Paulo Leão,

médico responsável pelo Setor do Serviço de Coleta do Hemocentro de Belo Horizonte, a grande dificuldade da doação feminina não está nas questões citadas acima, mas na própria rotina da mulher. “A tripla jornada de trabalho da mulher, ou seja, cuidar dos filhos, da casa e ainda trabalhar fora, dificulta a vinda da mulher às unidades, além da falta da cultura da doação de sangue no Brasil”, afirma.

No entanto, Paulo Leão diz que a importância da mulher na educação e no desenvolvimento da saúde é fundamental. Além disso, a vocação de ser mãe, o cuidado com a família e a prevenção ginecológica faz com que a mulher se torne mais preocupada com a saúde. Ele afirma que, “a mulher adquire uma responsabilidade social que faz com que ela veja o ato da doação de sangue não só como um ato de solidariedade, mas também como um ato de cidadania”, conclui.